

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



**CONCERTO
SOLIDÁRIO**

1 MAR 26

***DAS KLAGENDE LIED*
DE MAHLER
ORQUESTRA SINFÓNICA
PORTUGUESA E CORO
DO TEATRO NACIONAL
DE SÃO CARLOS**

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém

Grande Auditório

domingo, 17h00

+6

Duração aproximada: 100 min

Programa

Gustav Mahler (1860–1911)

Sinfonia N.º 10 em Fá maior (Adagio)

Intervalo

Das Klagende Lied

I. Waldmärchen (A Lenda da Floresta)

I. Der Spielmann (O Menestrel)

III. Hochzeitsstück (Peça Nupcial)

Soprano **Sílvia Sequeira**

Meio-soprano **Maria Luísa de Freitas**

Tenor **Marco Alves dos Santos**

Barítono **Job Tomé**

Direção Musical **Graeme Jenkins**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Maestro Titular **Giampaolo Vessella**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coprodução **Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos**



APOIOS



PARCEIRO PARA
A COMUNICAÇÃO



A Fundação CCB e o OPART doarão a totalidade da receita deste espetáculo à Associação das Filarmónicas do Concelho de Leiria e ao Sport Operário Marinhense, duas instituições com uma presença cultural profundamente enraizada na zona recentemente atingida pela Tempestade Kristin.

Esta iniciativa nasce do desejo sincero de ajudar na recuperação das suas infraestruturas, que sofreram danos significativos, e de assegurar que o trabalho cultural que desenvolvem junto das comunidades possa continuar com a mesma dedicação e proximidade de sempre.

NOTAS À MARGEM

Nenhum compositor esteve tão dividido entre o século XIX e o século XX como Mahler: a sua música encarna o dualismo entre o mundo romântico e o mundo moderno, conjugando a evocação nostálgica do passado e o anúncio de uma nova época. Este concerto ilustra isso, juntando a primeira e a última obras oficiais do seu catálogo.

Nascido a 7 de julho de 1860 numa pequena aldeia da Boémia, de uma família judia de língua alemã, Mahler foi marcado pelas mortes de vários irmãos e irmãs, especialmente a de Ernst, que era apenas dez meses mais velho que ele e que morreu aos 13 anos. Outro trauma de infância foi a violência exercida pelo pai sobre a mãe, que era aleijada. De algum modo, esses dois traumas «freudianos» estão presentes nesse *opus* inaugural que é *Das Klagende Lied*.

Mahler começou a obra no mesmo ano em que completou os seus estudos no Conservatório de Viena, em 1878, tendo-a finalizado em novembro de 1880; dirigiu a sua estreia em 1901, numa versão revista em que suprimiu a primeira parte e reduziu um pouco os efetivos, tendo feito poucas mudanças na orquestração, que já tem uma qualidade e uma originalidade superlativamente mahlerianas.

Mergulhando no universo dos contos de fadas germânicos, a obra tem paralelos com as baladas dramáticas de Schumann. Revela também o wagnerismo do jovem Mahler que, aos 15 anos, pôde assistir a *Tanhäuser* e *Lohengrin*, dirigidos pelo próprio Wagner em Viena. Para além da técnica do *leitmotiv* e do fluxo contínuo, é wagneriana a opção de redigir o seu próprio libreto. São várias as fontes dessa história de um fratricídio que partilha ingredientes com dois contos dos irmãos Grimm: *Jorinda e Joringel* e *O Osso Cantador*. O título *Das Klagende Lied* («A Canção Lamentosa») encontra-se numa recolha de Ludwig Bechstein, publicada em 1856. A mesma narrativa serviu de base a um poema de Martin Greif que foi representado pelos alunos do Conservatório de Viena, em 1876, quando Gustav aí estudava.

Eis um resumo da versão de Mahler: uma jovem rainha orgulhosa jura casar-se com o cavaleiro que encontrar na floresta uma misteriosa flor vermelha. Dois irmãos partem em busca dessa flor e quem a descobre é o irmão mais novo, que a prende no seu chapéu e adormece à sombra de um salgueiro. Ao vê-lo, o irmão mais velho mata-o, rouba-lhe a flor e abandona o cadáver. Tempos depois, passa por ali um menestrel que encontra um osso entre a folhagem e talha com ele uma flauta; ao tocá-la, ouve-se a canção lamentosa do irmão falecido, contando como foi morto. O menestrel parte em direção ao palácio real, onde decorre a celebração da boda; quando toca a flauta, o novo rei empalidece, a rainha desmaia, os convidados fogem e o palácio desfaz-se.

Nas versões de Bechstein e Grafer, os dois irmãos eram um rapaz e uma rapariga; a opção por dois rapazes reforça o dramatismo da cena da boda e a culpabilidade do par real, com possível influência do *Hamlet* de Shakespeare.

Mahler pensou inicialmente escrever um *Märchenspiel* («ópera-conto de fadas»), mas optou por uma cantata narrativa em três partes, com quatro vozes solistas, coro e grande orquestra. A única fala em discurso direto – especialmente memorável – é o canto lamentoso, confiado ao contralto ou, opcionalmente, a uma voz de criança.

A primeira parte, *A Lenda da Floresta*, tem uma longa introdução orquestral em que os ecos da floresta romântica fazem oscilações entre o modo maior e o modo menor, prenunciando o crime e o seu rasto ominoso. Na segunda parte, *O Menestrel*, a introdução prepara-nos com dramatismo para o memorável lamento do irmão assassinado. Na terceira parte, *Peça Nupcial*,

sobressaem as intervenções da orquestra de sopros e percussão fora de cena, cuja música festiva entra em choque com o drama que está a ser vivido na sala, com um efeito estarrecedor.

Depois dos anos de glória como diretor da Ópera de Viena, Mahler era titular da Orquestra Filarmónica de Nova Iorque e estava cheio de otimismo e de projetos quando algo de terrível aconteceu no verão de 1910: descobriu que a sua mulher, Alma, tinha uma relação extraconjugal com o jovem Walter Gropius. A dependência emocional de Mahler em relação a Alma, que já era exacerbada, atingiu extremos patológicos e, na sequência de uma amigdalite mal curada e de um coração enfraquecido, o compositor morreu menos de um ano depois, aos 50 anos, a 18 de maio de 1911.

Foi nesse fatídico verão de 1910 que Mahler esboçou a sua *10.ª Sinfonia*, cujas páginas, quase indecifráveis, estão semeadas de frases de um desespero alucinado. Apenas ficou completo o andamento lento, que inclui das dissonâncias mais tremendas da sua produção. O compositor terá dito ao seu médico que queria que esses esboços fossem destruídos, desejo que não foi cumprido e deu azo a várias tentativas de completar a obra.

O *Adagio* estreou a 12 de outubro de 1924 na Ópera de Viena, sob a direção de Franz Schalk. Começa com uma frase interrogativa e enigmática das violetas, de tonalidade indefinível, a preceder o opulento tema principal, no modo maior. Mahler alterna esse tema com outro no modo menor e num tempo mais fluido, a que *pizzicati* e trilos dão laivos de escárnio, numa típica associação mahleriana entre o sublime e o grotesco.

Neste misto de variações e desenvolvimento contínuo, é curioso ver vestígios do modelo haydniano das variações alternadas no modo maior e no modo menor, dentro de um idioma que já aflora o expressionismo. O momento culminante é o acorde dissonante de nove sons que, por duas vezes, esmaga uma nota dos violinos, como um *cluster*. A orquestra dilui-se então em sonoridades de música de câmara, e os temas reaparecem como que desintegrados, antes da pungente cadência final.

Alexandre Delgado
Musicólogo



GUSTAV MAHLER

Das Klagende Lied (A Canção do Lamento)

1. Waldmärchen

Es war eine stolze Königin,
Gar lieblich ohne Maßen;
Kein Ritter stand noch ihrem Sinn,
Sie wollt' sie alle hassen.
O weh, du wonnigliches Weib!
Wem blühet wohl dein süßer Leib?

Im Wald eine rote Blume stand,
Ach, so schön wie die Königinne,
Welch' Ritter, der die Blume fand,
Der konnt' die Frau gewinnen.
O weh, du stolze Königin!
Wann bricht er wohl, dein stolzer Sinn?

Zwei Brüder zogen zum Walde hin,
Sie wollten die Blume suchen,
Der Eine hold und von mildem Sinn,
Der And're konnte nur fluchen.
O Ritter, schlimmer Ritter mein,
O ließest du das Fluchen sein!

Als sie nun zogen eine Weil',
Da kamen sie zu scheiden;
Das war ein Suchen nur in Eil'
Im Wald und auf der Heiden.
Ihr Ritter mein im schnellen Lauf,
Wer findet wohl die Blume auf?

Der Junge zieht durch Wald und Heid',
Er braucht nicht lang zu gehen,

LENDA DA FLORESTA

Era uma vez uma rainha orgulhosa,
De beleza incomparável;
Cavaleiro algum a cativava,
E a todos desprezava.
Ah, noiva encantadora!
Para quem floresce, então, o teu doce corpo?

Na floresta estava uma flor vermelha,
Ah, tão bela que a própria rainha,
Ao cavaleiro que a encontrasse,
Concederia a sua mão de dama.
Oh, vaidosa rainha!
Quando será quebrado o teu orgulho?

Dois irmãos entraram na floresta,
Em busca da bela flor,
O primeiro era bom e gentil,
O outro não sabia senão praguejar.
Ah, cavaleiro, meu perverso cavaleiro,
Renuncia à tua maldição!

Tendo caminhado algum tempo juntos,
Acabaram por se separar;
Procurando afanosamente
Na floresta e pelo prado.
Meus cavaleiros apressados,
Quem de vós encontrará a flor?

O mais novo percorreu a floresta e o prado,
E não tinha mais para onde ir,

Bald sieht er von Ferne bei der Weid'
Die rote Blume stehen.
Die hat er auf den Hut gesteckt,
Und dann zur Ruhe sich hingestreck't.

Der Andern zieht im wilde Hang,
Umsonst durchsucht er die Heide,
Und als der Abend herniedersank,
Da kommt er zur grünen Weide.
O weh, wen er dort schlafend fand,
Die Blume am Hut, am grünen Band!

Du wonnigliche Nachtigall,
Und Rotkehlchen hinter der Hecken,
Wollt ihr mit eurem süßen Schall
Den armen Ritter erwecken.
Du rote Blume hinterm Hut,
Du blinkst und glänztst ja wie Blut!

Ein Auge glänzt in wilder Freud',
Des Schein hat nicht gelogen;
Ein Schwert von Stahl glänzt ihm zur Seit',
Das hat er nun gezogen!
Der Alte lacht unterm Weidenbaum,
Der Junge lächelt wie im Traum.

Ihr Blumen, was seid ihr vom Tau so schwer?
Mir scheint, das sind gar Tränen!
Ihr Winde, was weht ihr so traurig daher,
Was will euer Raunen und Wähnen?
»Im Wald, auf der grünen Heide,
da steht eine alte Weide.«

De súbito ao longe, ao pé de um salgueiro
Avistou a flor vermelha.
Colocou-a no seu chapéu,
E deitou-se a repousar.

O outro percorreu a encosta selvagem,
Em vão procurou no campo,
E, quando caiu o entardecer,
Dirigiu-se para o salgueiro verde.
Oh, quem encontrou ele adormecido
Com a flor no laço verde do chapéu!

Tu, encantador rouxinol,
E tu, pisco entre os ramos,
Quererão com o vosso doce som
O pobre cavaleiro acordar.
E tu, flor vermelha no chapéu,
Tu reluzes e brilhas como sangue!

Um olho brilha de cruel satisfação,
A sua aparência não mente;
No seu flanco brilha uma espada de aço,
Que agora ele retira!
O mais velho ri-se debaixo do salgueiro,
O mais novo sorri como num sonho.

Flores, porque vos pesa tanto o orvalho?
Parece-me que são lágrimas!
Ventos, que soprais com tanta tristeza,
O que significam os vossos murmúrios?
«Na floresta, no prado verde,
ergue-se um velho salgueiro.»

2. Der Spielmann

Beim Weidenbaum, im kühlen Tann,
Da flattern die Dohlen und Raben,
Da liegt ein blonder Rittersmann
Unter Blättern und Blüten vergraben.
Dort ist's so lind und voll von Duft,
Als ging ein Weinen durch die Luft!
O Leide! O Leide!

Ein Spielmann zog einst des Weges daher,
Da sah er ein Knöchlein blitzen;
Er hob es auf, als wär's ein Rohr,
Wollt' sich eine Flöte d'raus schnitzen.
O Spielmann, lieber Spielmann mein,
Das wird ein seltsam Spielen sein!
O Leide, weh! O Leide!

Der Spielmann setzt die Flöte an,
Und läßt sie laut erklingen.
O Wunder, was nun da begann,
Welch' seltsam traurig Singen!
Es klingt so traurig und doch so schön,
Wer's hört, der möcht' vor Leid vergehn!
O Leide! O Leide!

»Ach, Spielmann, lieber Spielmann mein,
Das muß ich dir nun klagen:
Um ein schönfarbig Blümelein
hat mich mein Bruder erschlagen!
Im Walde bleicht mein junger Leib,
mein Bruder freit ein wonnig Weib!«
O Leide, Leide! weh!

O MENESTREL

Perto do salgueiro, na fria floresta,
Onde esvoaçavam as gralhas e os corvos,
Jaz um cavaleiro louro
Sob folhas e flores sepultado.
Ali tudo é temperado e fragrante,
Como se o choro enchesse o ar!
Oh, tristeza! Oh, tristeza!

Um menestrel vagueava por ali certa vez,
E viu um pequeno osso a luzir;
Pegou nele como se fosse um tubo,
E quis fazer dele uma flauta.
Ó menestrel, meu querido menestrel,
Será bem estranha a melodia que irás tocar!
Oh, tristeza! Oh, tristeza!

O menestrel levou a flauta aos lábios,
Fazendo-a soar com força e clareza.
Que prodígio se manifestou então,
Que estranho e triste canto!
Sooou tão triste e no entanto tão belo,
Que quem o escutasse morreria de dor!
Oh, tristeza!

«Ah menestrel, meu querido menestrel,
Agora quero lamentar-me:
por causa de uma bonita flor
o meu irmão matou-me!
Na floresta empalidece o meu corpo jovem,
e o meu irmão corteja uma bela noiva!»
Oh, tristeza! Ah!

Der Spielmann ziehet in die Weit'
Läßt's überall erklingen.
Ach weh, ach weh, ihr lieben Leut',
Was soll denn euch mein Singen?
Hinauf muß ich zu des Königs Saal,
Hinauf zu des Königs holdem Gemahl!
O Leide, weh, o Leide!

O menestrel percorreu o mundo
E por todo o lado o fez ressoar.
Ah, queridas gentes,
O que pensam do meu cântico?
Tenho que subir à Sala do Rei,
Onde está a sua bela noiva!
Oh, tristeza! Oh, tristeza!

3. Hochzeitsstück

Vom hohen Felsen erglänzt das Schloß,
Die Zinken erschall'n und Drometten;
Dort sitzt der mutigen Ritter Troß,
Die Frauen mit goldenen Ketten.

Was will wohl der jubelnde,
fröhliche Schall?

Was leuchtet und glänzt im Königssaal?
O Freude, heiah! Freude!

Und weißt du's nicht, warum die Freud'?
Hei, daß ich dir's sagen kann:
Die Königin hält Hochzeit heut'
Mit dem jungen Rittersmann.
Seht hin, die stolze Königin!
Heut' bricht er doch, ihr stolzer Sinn!
O Freude, heiah! Freude!

Was ist der König so stumm und bleich?
Hört nicht des Jubels Töne,
Sieht nicht die Gäste, stolz und reich,
Der Königin holde Schöne!
Was ist der König so bleich und stumm?
Was geht ihm wohl im Kopf herum?
Ein Spielmann tritt zur Türe herein!
Was mag's wohl mit dem Spielmann sein?
O Leide, weh! O Leide!

PEÇA NUPCIAL

Do alto dos rochedos brilha o castelo,
Reressoam as trompetes e os tambores;
Ali se sentam os valentes cavaleiros,
E as damas com cordões de ouro.
Que significa esta jubilosa
e alegre ressonância?

Este brilho resplandecente na Sala do Rei?
Oh, alegria! Oh, alegria!

E tu não sabes o porquê desta alegria?
Então, eu posso dizer-te:
A rainha casa-se hoje
Com o jovem cavaleiro.
Olha para ali, a rainha orgulhosa!
O seu espírito orgulhoso será hoje quebrado!
Oh, alegria! Oh, alegria!

Porque está o rei tão silencioso e pálido?
Ele não ouve os sons de júbilo,
Não vê os convidados, impantes e ricos,
Nem a graciosa beleza da rainha!
Porque está o rei tão pálido e silencioso?
Que se passa na sua cabeça?
Um menestrel entra pela porta!
O que quererá este menestrel?
Oh, tristeza! Oh, tristeza!

»Ach Spielmann, lieber Spielmann mein,
das muß ich dir nun klagen:
Um ein schönfarbig Blümelein
Hat mich mein Bruder erschlagen!
Im Walde bleicht mein junger Leib,
mein Bruder freit ein wonnig Weib!«
O Leide, Leide, weh!

Auf springt der König von seinem Thron
Und blickt auf die Hochzeitsrund;
Und nimmt die Flöte in frevelndem Hohn
Und setzt sie selbst an den Mund.
O Schrecken, was nun da erklang!
Hört ihr die Märe, todesbang!

»Ach Bruder, lieber Bruder mein,
du hast mich ja erschlagen!
Nun bläst du auf meinem Totenbein,
des muß ich ewig klagen.
Was hast du mein junges Leben
dem Tode hingegeben?«
O Leide, weh! O Leide!

Am Boden liegt die Königin,
Die Pauken verstummen und Zinken;
Mit Schrecken die Ritter und Frauen
flieh'n,
Die alten Mauern sinken.
Die Lichter verlöschen im Königssaal!
Was ist wohl mit dem Hochzeitsmahl?
Ach Leide!

«Ah menestrel, meu querido menestrel,
Agora quero lamentar-me:
por causa de uma bonita flor
o meu irmão matou-me!
Na floresta empalidece o meu corpo jovem,
e o meu irmão corteja uma bela noiva!»
Oh, tristeza! Oh, tristeza!

O rei desce subitamente do seu trono
E contempla a festa nupcial;
E pega na flauta com desdém
E leva-a à sua boca.
Ó horror, como soa agora!
Escutai a lenda da horrenda morte!

«Ah irmão, meu querido irmão,
foste tu que me mataste!
Agora sopras no meu osso morto,
lamentar-me-ei eternamente.
Porque entregaste à morte
a minha jovem vida?»
Oh, tristeza! Oh, tristeza!

A rainha jaz agora por terra,
Os tambores e os trompetes silenciaram-se;
Os cavaleiros e as damas fogem
aterrorizados,
Os velhos muros afundam-se.
As luzes apagam-se na Sala do Rei!
Que sobrou agora da festa nupcial?
Ah, tristeza! Ah, tristeza!

Tradução de Ofélia Ribeiro, gentilmente cedida
pela Fundação Calouste Gulbenkian.



GRAEME JENKINS

Direção Musical

Diretor de orquestra de nacionalidade inglesa, Graeme Jenkins é reconhecido pelo seu vasto repertório que vai do barroco à música contemporânea e pela sua brilhante carreira internacional no domínio da ópera. Já dirigiu cerca de 200 produções líricas em importantes palcos internacionais como a Royal Opera House, em Londres, o Festival de Glyndebourne, a Vienna State Opera, a Ópera Nacional de Paris, a Bavarian State Opera, a Deutsche Oper Berlin e a Opera Australia. De 1994 a 2013, foi diretor musical da Ópera de Dallas, onde dirigiu inúmeras produções de destaque, entre as quais *O anel de Nibelungo*. Renomado maestro, já colaborou com importantes orquestras a nível internacional. De compromissos recentes, destacam-se a sua estreia na Hamburg State Opera com *a Dama de Espadas* de Tchaikovsky.



SÍLVIA SEQUEIRA

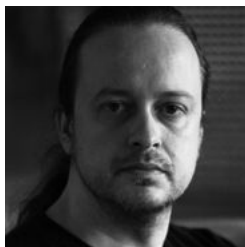
Soprano

A soprano portuguesa Sílvia Sequeira tem sido muito aclamada pela sua «naturalmente bela voz de soprano» e pela sua «forte presença» em palco. Em 2024, venceu o Concurso Ciclo Lousada, o Primeiro Prémio e o Prémio do Público no Concurso Cascais Opera, e o Terceiro Prémio, o Prémio Wagner e o Prémio do Público no Concurso Tenor Viñas, em Barcelona. Em 2025, estreou-se em ópera, com o Teatro Nacional de São Carlos, como Suor Angelica, e fez uma digressão pelos Países Baixos com a Opera Zuid, interpretando Anna em *Le Villi* de Puccini, sob direção de Karel Deseure e Dreyka Weber. De compromissos recentes, destaca-se a sua participação na *8.ª Sinfonia* de Mahler e em *War Requiem* de Britten. Apresenta-se regularmente como solista em países como Portugal, Itália, Países Baixos, Espanha, Bélgica, Suíça, Alemanha, Croácia e Eslovénia.



MARIA LUÍSA DE FREITAS
Meio-soprano

Nascida em Luanda, iniciou os seus estudos no Conservatório Nacional de Lisboa com José Carlos Xavier. Recebeu vários prémios em Portugal e no estrangeiro. Trabalhou com maestros como Marko Letonja, Marc Tardeu, Johannes Stert, Julia Jones, João Paulo Santos, Michail Jurowski, Massimiliano Damerini, Osvaldo Ferreira, José Cura, Martin André, Gregor Buhl, César Viana, Sébastien Rouland, François Xavier Roth, Yaniv Dinur, Lawrence Foster, Pedro Neves, Nuno Côrte-Real, Nicholas Kraemer, Antonio Pirolli, Joana Carneiro, Leonardo García Alarcón, Renato Palumbo, Graeme Jenkins e Giacomo Sagripanti.



MARCO ALVES DOS SANTOS
Tenor

Licenciado pela Guildhall School of Music and Drama, como bolseiro da Fundação Gulbenkian, apresentou-se em papéis operáticos como Tamino (*Die Zauberflöte*), Ernesto (*Don Pasquale*), Anthony (*Sweeney Todd*), Duca (*Rigoletto*), Die Hexe (*Hänsel und Gretel*), Prunier (*La rondine*), Almaviva (*Il barbiere di Siviglia*), Acis (*Acis and Galatea*), Male Chorus (*The rape of Lucretia*), Don Ottavio (*D. Giovanni*), Nemorino (*L'elisir d'amore*), Ferrando (*Così fan tutte*), Conte Alberto (*L'occasione fa il ladro*) e Alfred (*Die Fledermaus*). Em concerto, destacou-se como Récitant (*L'enfance du Christ*), Evangelista nas *Oratórias de Natal, Páscoa, Ascensão e Paixão Segundo São João* (Bach), e como tenor solista na 9.ª *Sinfonia* (Beethoven), *Messiah* (Händel), *Petite messe solennelle* (Rossini), *Requiem* e *Missa da Coroação* (Mozart), *Serenade for horn and strings* e *War Requiem* (Britten), *Te Deum* (Bruckner), *Carmina Burana* (Orff) e *Paixão Segundo São Mateus* (Bach), entre outros.



JOB TOMÉ

Barítono

Nascido em 26 de setembro de 1978 em Matosinhos, Portugal, apresentou-se em diversos palcos nacionais e internacionais. Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Música do Porto, onde estudou piano com Constantin Sandu e canto com Cecília Fontes. Prosseguiu a sua formação superior na ESMAE – Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, onde concluiu a licenciatura e o mestrado em canto na classe de Rui Taveira. Trabalha regularmente a sua técnica vocal com Peter Harrison. Entre 2004 e 2006, foi cantor residente do Estúdio de Ópera da Casa da Música (Porto). Em 2008-2009, integrou o CNIPAL – Centre National d'Insertion, Professionnelle d'Artistes Lyriques, em Marselha. Entre 2010 e 2014,

foi membro da Académie du Festival d'Aix-en-Provence. No palco, interpretou papéis centrais do repertório de barítono, como Aeneas (*Dido and Aeneas*), Germont (*La traviata*), Belcore (*L'elisir d'amore*), Don Alfonso (*Così fan tutte*), Conte (*Le nozze di Figaro*), Conte (*Il segreto di Susanna*), Schaunard (*La bohème*), Wolfram (*Tannhäuser*), Storyteller (*A flowering tree*) e Rodrigo (*Mátia*). Foi distinguido em concursos nacionais e internacionais, obtendo, entre outros, o Prémio Helena Sá e Costa e o 1.º Prémio Fundação Rotária para *Lied* e Canção Portuguesa e o 2.º Prémio no Concurso Nacional Luísa Todi. É fundador e presidente da companhia all'Opera, dedicada à produção e promoção do repertório operático.



© BRUNO SIMÃO

CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil e Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real.

Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami; o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou marcantes êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas) e Concerto Henze/Corghi (1997 – Festival de Granada). Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos com um vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em recitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

SOPRANOS

Ana Cosme
Ana Luísa Silva
Ana Serro
Ana Sofia Franco
Angélica Neto
Carmen Matos
Carolina Raposo
Cecília Rodrigues
Filipa Lopes
Isabel Biu
Maria Anjo Albuquerque
Maria Luísa Brandão
Marta Martins
Patrícia Ribeiro
Raquel Alão
Sandra Lourenço Santos
Sónia Alcobaça

MEIO-SOPRANOS

Alberto Lobo da Silva
Alexandre S. David
Arménio Afonso Granjo
Carlos Pocinho
Carlos Silva
Diocleciano Pereira
Francisco Lobão
João Cipriano
João Queiroz
João Rodrigues
Luís Castanheira
Mário Silva
Nuno Cardoso
Rui Pedro Antunes
Victor Carvalho

TENORES

Ana Cristina Carqueijeiro
Ana Ferro
Ana Rita Cunha
Ana Seródio
Ângela Roque
Antónia Ferraz de Andrade
Cândida Simplício
Conceição de Sousa
Inês Medeiros
Leila Moreso
Luísa Tavares
Madalena Paiva Boléo
Manuela Teves
Natália Brito
Rita Coelho
Susana Moody

BAIXOS

André Soares
Carlos Pedro Santos
Ciro Telmo Martins
Costa Campos
Enrico Caporiondo
Frederico Santiago
João Oliveira
João Rosa
Leandro Silva
Luís Mayer-Bento
Nuno Dias
Rodrigo Lins
Simeon Dimitrov
Tiago Navarro



GIAMPAOLO VESSELLA

Maestro Titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos

É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Rádio e Televisão da Turquia. Em paralelo com a sua carreira como barítono solista, desenvolveu atividade como maestro de coro desde 1993, ano em que fundou a Schola Cantorum «Cantate Domino» de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro Euphonia, em Carbonate, do qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro Euphonia foi levado à descoberta

do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico Corale Arnatese e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, de cujo Comité Artístico foi membro. Como *freelancer*, foi regularmente convidado, por ensembles e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.



© BRUNO SIMÃO

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djangug Kakhidze,

Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing Borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

FLAUTAS

Inês Pinto
Ana Baganha
Rui Matos

OBOÉS

João Barroso
Elizabeth Kicks
Luís Marques

CLARINETES

Francisco Ribeiro
Cândida Oliveira
Jorge Trindade

FAGOTES

David Harrison
Roberto Erculiani
Joana Maia

TROMPAS

Paulo Guerreiro
Carlos Rosado
Laurent Rossi
Augusto Rodrigues

TROMPETES

António Quítalo
Pedro Monteiro
Jorge Almeida
Latchezar Goulev

TROMBONES

Jarrett Butler
Hugo Assunção
Joaquim Rocha

TUBA

Ilídio Massacote
Adélio Carneiro*

TÍMPANOS

Elizabeth Davis

PERCUSSÃO

Lídio Correia
Cristiano Rios*
André Castro*

HARPA

Carmen Cardeal
Maria Lagrifa*
Ana Castanhito*
Rebeca Csalog*

I VIOLINOS

Alexis Hatch
Alexander Stewart
Leonid Bykov
Ewa Michalska
Alexander Mladenov
Vicente Sobral
António Figueiredo
Hasmike Duarte
Margareta Sandros
Nicholas Cooke
Anabela Guerreiro
Regina Stewart
Miguel Ferreira*
Artur Mouradian*

II VIOLINOS

Paula Carneiro
Nariné Dellalain
Tomás Soares
Maria Bykova
David Ascensão
Tomás Costa
Flávia Marques
Carmélia Silva
Slawomir Sadlowski
Witold Dziuba
Sara Cymbron
Kamélia Dimitrova

VIOLAS

Pedro Saglimbeni Muñoz
Ceciliu Isfan
Irma Skenderi
Sandra Moura
Maria Inês Monteiro
Vladimir Demirev
Etelka Dudás
Ventzislav Grigorov
Isabel Pereira
Sara Farinha*

VIOLONCELOS

Alexandre Alvarez
Hilary Alper
Ajda Zupancic
Emídio Coutinho
João Matos
Diana Savova
Gueorgui Dimitrov
Luís Clode

CONTRABAIXOS

Diogo Pereira
Duncan Fox
Anita Hinkova
Pedro Bettencourt
José Mira
João Diogo
Rafael Aguiar

OFF-STAGE:

FLAUTAS

Anabela Malarranha
Leonardo Coelho*
Natália Monteiro*

CLARINETES

Joaquim Ribeiro
João Pedro Santos*
Leonídio Dykiy*
Luís Sampaio*

FAGOTES

Carolino Carreira
Pedro Ribeiro*
Daniel Faria*

TROMPETES

Pedro Gonçalves*
Rui Ribeiro*
Pedro Castro e Silva*
Filipe Esteves*
Pedro Almeida*
Davide Lopes*

TÍMPANOS

Pedro Araújo e Silva

PERCUSSÕES

Tiago Rocha*
Rafael Picamilho*

REFORÇOS*

SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB



GARANTA O SEU LUGAR NA PRIMEIRA FILA

ccb.pt/newsletter

© Bruno Simão

OPART - Organismo de Produção Artística, E.P.E

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente Conceição Amaral

Vogal Sofia Meneses

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Diretor Artístico Pedro Amaral

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO CCB

Presidente Nuno Vassallo e Silva

Vogal Rita Romão

Vogal Rui Morais

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUJOTA



PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU

JÁ A SEGUIR

ÓPERA – NOVA PRODUÇÃO

TANNHÄUSER DE WAGNER

Direção Musical Graeme Jenkins

Encenação Max Hoehn

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Orquestra Sinfónica Portuguesa

23 E 25 ABR

Qui, 19h, Sáb, 16h

Grande Auditório

+6

Conversa pré-concerto
por **Inês Thomas Almeida**,
30 minutos antes de cada récita.

Coprodução Centro Cultural de Belém,
OPART/Teatro Nacional de São Carlos

Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao